

## Pesquisa intervenção e o desenvolvimento de tecnologias sociais: comunidade, escola e emancipação social

Leonardo Bis dos Santos<sup>1</sup>, Antonio Donizetti Sgarbi<sup>1</sup> e Izabella Costa Santiago<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades, Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Brasil. [leonardo.bis@ifes.edu.br](mailto:leonardo.bis@ifes.edu.br); [donizetti@ifes.edu.br](mailto:donizetti@ifes.edu.br);

<sup>2</sup> Prefeitura Municipal de Vitória (EMEF Edna de Mattos Siqueira Gaudio), Brasil. [santiagocizabella@gmail.com](mailto:santiagocizabella@gmail.com)

**Resumo.** O artigo se propõe a discutir a experiência desenvolvida a partir da pesquisa intervenção e faz apontamentos acerca de sua aplicabilidade, no que concerne temporalidade e postura metodológica frente aos sujeitos pesquisados e pesquisadores. Realiza análise dos resultados alcançados a partir de uma pesquisa realizada desde 2016, objetivando o desenvolvimento de tecnologias sociais de emancipação. Tal objetivo tem sido materializado a partir de parceria com lideranças comunitárias, estudantes do ensino fundamental do bairro e seus professores, estudantes de ensino médio, graduação e mestrado do Ifes. Conclui apontando a pesquisa intervenção como uma ferramenta de análise, reflexão e de transformação da realidade, a partir da formação de pesquisadores e da promoção de processos de sensibilização e educação de caráter emancipador.

**Palavras-chave:** Pesquisa intervenção; Pesquisa participativa; Investigações alternativas; Escola & comunidade .

### Intervention research and social technologies development: community, school and social emancipation

**Abstract.** The article aims at discussing the experience developed from an intervention research. It points out its applicability concerning temporality and methodological posture in the face of the subjects and researchers. We analyze the results achieved from a research that has been done since 2016, with the purpose of developing social technologies of emancipation. This objective has been materialized through the partnership with community leaders, elementary school students and teachers who live in the target neighborhood, as well as high school, undergraduate and master students of Ifes. We conclude indicating the intervention research as a tool for analysis, reflection and social transformation, by training researchers and promoting emancipatory education and social awareness processes.

**Keywords:** Intervention research; Participatory research; Reserch alterntives; School and Community.

## 1 Introdução

Sob argumentos marcadamente alinhados aos pressupostos positivistas, a pesquisa intervenção sofre críticas que pouco ou nada contribuem para seu desenvolvimento. A busca pela desqualificação dos procecimentos metodológicos, alicerçada direta ou indiretamente em preceitos quantitativos de investigação, ainda são bastante presentes nas críticas realizadas.

A pesquisa intervenção social, contudo, pode remontar seu caminho metodológico pelo menos desde as contribuições de Marx e Engels. Esses autores no século XIX já destacavam um modo de realizar pesquisas onde a mesma deixa de estar circunscrita ao seus procedimentos descritivos, atingindo a dimensão propositiva. Posteriormente, a partir do uso consciente do termo observação participante pela antropologia, quando o pesquisador se despe conscientemente da busca pela cientificidade construída até então, a partir da não interferência, é dado outro salto metodológico no sentido de destacar as intervenções do pesquisador frente aos demais sujeitos da pesquisa. Assim, as ciências sociais davam passos relevantes no sentido de superar a falsa dicotomia entre pesquisador e pesquisado.

Nesse sentido, dando outro salto temporal e baseado nos escritos de Paulo Freire, entende-se aqui a realidade como um *continuum* complexo de percepções dos indivíduos na condição de pesquisador e

de pesquisado numa dada situação. Essas condições se fundem na realidade empírica, uma vez que ambos fazem jus à condição de investigador do outro, alterando assim suas ações e percepções ciclicamente. Dessa forma, seguindo a obra freireana, fala-se então em elaborar pesquisas com os sujeitos pesquisados e não para os sujeitos pesquisados.

Outra consideração inicial que se faz necessária aqui dá conta de não confundir observação participante e pesquisa intervenção, apesar das similaridades em alguns aspectos. A pesquisa intervenção tem por objetivo intrínseco a obtenção de algum resultado a partir da alteração consciente da realidade, num dado contexto, observadas as condições de obtenção desse resultado. Mas não há de se falar em resultados controlados, como aqueles realizados em biologia ou farmacologia – apesar das controvérsias –, onde mantidas as condicionantes se obtém o mesmo produto final. Trata-se aqui, em grandes linhas, de uma pesquisa que visa identificar uma questão-problema e encontrar soluções conjuntas com o público-alvo da pesquisa, ressaltando a dimensão da emancipação social frente aos discursos de tutela científica e política.

Teoricamente, segundo Streck, Sobottka e Eggert (2014, p. 7), o artigo “Pesquisa-ação e problema das minorias”<sup>1</sup>, publicado em 1946 pelo psicólogo social alemão Kurt Lewin, é um marco no debate em torno de metodologias como a aqui perseguida. A ênfase destas pesquisas nos anos 1960 e 1970 na Europa era centrada nas relações de gênero, gerações, empregadores e empregados e na América Latina se manifestava a partir dos trabalhos desenvolvidos pelo sociólogo Orlando Fals Borda, na Colômbia e no Brasil com o educador Paulo Freire. Esta vertente desenvolveu-se a partir das práticas sociais populares na forma de teologia, pedagogia, filosofia, teatro entre outras, sempre denunciando as investidas das elites, ou do liberalismo, sobre as classes populares.

Segundo Brandão (2015, p. 2) esta prática que se expandiu mobilizou estratégias de descolonização da África do Sul e depois na Índia inaugurando um procedimento social de resistência política “cujo poder de transformação de pessoas, grupos humanos e nações, merece, a nosso ver, uma lembrança bem maior do que as inocentes e formais propostas de Kurt Lewin e outras de teor semelhante”.

Nos primeiros anos de sua existência as pesquisas participantes se apresentavam como alternativas metodológicas estranhas, ou marginais ao mundo acadêmico, porém, para Brandão (2015, p. 3 - 4) alguns anos mais tarde à custa de luta e resistências, esta realidade já podia ser vista no campo universitário. Nos dias atuais a pesquisa participante já aparece em vários cenários Latino Americanos. Para Brandão (2015, p. 10) “um número crescente de estudos acadêmicos realizados em programas universitários de graduação e de pós-graduação, apresentam como os seus ‘procedimentos metodológicos’ algumas das variantes reconhecidas da pesquisa participante.”

Nesse sentido, a pesquisa participante do tipo intervenção social foi escolhida para tratar da perspectiva da emancipação social. Este conceito se apresenta essencialmente em oposição à dinâmica de tutela, seja científica e/ou política. A construção do discurso, com rebatimento direto na ação coletiva, balizado pela falsa dicotomia do eu pesquisador, frente ao outro, o pesquisado; ou manifestado nas categorias de conhecimento científico frente aos saberes populares; ou ainda materializado nas placas de inauguração de aparelhos públicos em que aparecem os nomes das autoridades políticas responsáveis pela implantação daquele serviço como reforço do apagamento da memória coletiva de luta de reivindicações próprias das periferias foram alvo dessa pesquisa.

Como desenvolver tecnologias sociais que buscam a transformação local a partir da articulação dos próprios agentes locais foi a questão central da investigação, que aqui debatemos em termos metodológicos.

## 2 Pesquisa diagnóstica: 1º passo metodológico

A pesquisa empírica em tela teve início no ano de 2016<sup>1</sup> a partir da aproximação entre corpo pedagógico da escola municipal Edna de Mattos Siqueira Gaudio e pesquisadores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – IFES. A escola está localizada no bairro Jesus de Nazareth, em uma região com alta declividade, ruas estreitas e escadarias íngremes, com índices relevantes de alcoolismo. Esses e outros indicadores apresentam a comunidade como tipicamente um bairro de periferia urbana, onde o tráfico de drogas é uma atividade constante.

O corpo pedagógico escolar, buscando alterar a realidade concreta dos alunos e da comunidade em geral, havia traçado um projeto de acabar com a seriação escolar e adotar os ciclos de aprendizado no ensino fundamental (1º, 2º e 3º anos seriam agrupados no 1º ciclo; 4º e 5º ano seriam agrupados no 2º ciclo; 6º e 7º no 3º ciclo; e 8º e 9º ano agrupados no 4º ciclo); e adotar um regime disciplinar misto, envolvendo as disciplinas tradicionais (português, matemática, ciências, artes, história e geografia – para os anos a partir do 5º) e roteiros de aprendizagem baseados em temas (energia, história e geografia do bairro, sustentabilidade, resíduos, relações étnico-raciais, etc.). Os roteiros seriam trabalhados numa perspectiva interdisciplinar, por profissionais da educação de várias áreas do conhecimento. Relevante ressaltar que os conteúdos dos roteiros foram definidos a partir do interesse dos próprios alunos, obedecendo a premissa de construir conjuntamente os conhecimentos e buscar potencializar o interesse nas atividades.

Nesse contexto geral, ao firmarmos parceria entre IFES e escola municipal, tínhamos no horizonte de ação a necessidade de envolver a comunidade em busca de uma transformação contextual – e não somente intramuros escolares. Foi nesse momento da investigação que nos voltamos para as relações e dinâmica comunitárias locais a fim de perceber as demandas sociais a partir dos próprios demandantes no ano de 2017.

Iniciamos a partir de reuniões de pais de alunos e representantes da associação de moradores, convidados pela direção da escola. Os primeiros meses de contato não nos permitiram o aprofundamento necessário. Passamos então a visitar o bairro acompanhados de moradores locais, sempre buscando absorver as necessidades a partir do olhar atento da realidade local. Ao final de cada reunião era disponibilizada uma ata digital em um grupo de whatsapp criado por moradores e direção escolar. Ao longo das visitas ao bairro os pesquisadores registravam com fotos e anotações em cadernos de campo as experiências e os resultados das longas conversas com as pessoas encontradas por onde passávamos.

Ao final de 6 meses de trabalho tínhamos conquistado relativo envolvimento com a comunidade – ao ponto de frequentar quase que semanalmente atividades desenvolvidas no bairro – e tínhamos um acervo de dados que nos apontavam algo inédito para uma comunidade de periferia. Os principais problemas relatados nas reuniões e visitas de campo não estavam relacionados à baixa qualidade de serviços tradicionalmente apontados como principais vilões das periferias, como deficiência nos aparelhos públicos de saúde, educação ou segurança<sup>2</sup>.

A partir desse diagnóstico, amparado pelas demandas apresentadas nas reuniões na escola, iniciamos uma agenda de trabalho vinculando conhecimentos acadêmicos produzidos no IFES, a partir dos cursos de engenharia ambiental, elétrica e mecânica, bem como a partir do mestrado em ensino de humanidades.

<sup>1</sup> Pesquisa aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa sob o número de referência CAAE 62108016.0.0000.5072, Parecer 1.913.976, de 09 de fevereiro de 2017.

<sup>2</sup> Acerca do papel do Estado e o reforço negativo em relação à representação social das periferias brasileiras, e em especial ao caso estudado na comunidade de Jesus de Nazareth, sugerimos a leitura do artigo publicado por Santos e Sgarbi (2018), Escola e comunidade: pesquisa e extensão em busca da cidadania emancipatória, mais precisamente na página 141. (Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/8544>).

Como forma de sensibilização comunitária e ativação e/ou reforço do sentimento de pertencimento utilizamos dados quantitativos, disponibilizados gentilmente pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE<sup>3</sup>.



Fig. 1. Resultado de pesquisa quantitativa sobre problemas do bairro Jesus de Nazareth, Vitória-ES, Brasil

Se tomarmos a soma entre limpeza pública e falta de coleta de lixo – que em várias situações representam exatamente a mesma resposta –, temos que 38% dos moradores indicam a destinação inadequada dos resíduos como principal problema do bairro.

Esse resultado corroborou os dados qualitativos que a equipe de pesquisa já havia alcançado, inclusive com um detalhamento que escapou ao questionário aplicado.

### 3 Pesquisa qualitativa do tipo participante

Os dados quantitativos alcançados na pesquisa encomendada pelo SEBRAE/ES nos apresentavam um cenário que serviu muito mais para alimentar as discussões do que para amparar ações de intervenção. Citar genericamente limpeza pública ou mesmo falta de coleta de lixo naquele momento da pesquisa já representava muito pouco diante das observações participantes empreendidas. A limpeza pública do bairro, por exemplo, é efetuada diariamente de segunda a sábado – domingo é o único dia da semana que não há recolhimento de resíduos. Os dados

<sup>3</sup> Pesquisa realizada entre os dias 10 e 20 de maio de 2017, com intervalo de confiança de 95% e erro amostral de 3,66 pp. As abordagens foram realizadas nas residências e o respondente era o chefe da família ou morador do domicílio com idade acima de 18 anos. A empresa de pesquisa contratada pelo SEBRAE/ES para aplicar, tabular e organizar os dados foi a Futura Inteligência (<https://futurainteligencia.com.br/a-futura/>).

alcançados até então já nos permitiam classificar o lixo doméstico (resíduos orgânicos, recicláveis e não recicláveis), o micro lixo (papéis de doces, restos de cigarro e pequenos plásticos), móveis e eletrodomésticos inutilizados e restos de materiais utilizados na construção civil (resíduos de grandes proporções e pesados). Cada um desses grupos com uma especificidade diferente no seu recolhimento e acondicionamento. A essa altura já trabalhávamos na articulação comunitária como forma de auto-organização a partir do ponto de vista do morador, tendo em vista a emancipação social.

Nas primeiras visitas, apesar da enorme hospitalidade apresentada pelos moradores, ainda pairava a barreira do estranhamento. À medida que as observações participantes foram se intensificando e que os pesquisadores foram se envolvendo com a execução dos planos traçados conjuntamente, a ideia da investigação que só recolhe dados foi substituída pela cooperação entre as partes – pesquisa do tipo intervenção. A aproximação entre pesquisadores, moradores e corpo pedagógico da escola já apresentava resultados.

Do ponto de vista teórico, quando relacionamos o objeto do saber ao mundo concreto, as situações reais, ao saber socialmente construído estamos trabalhando com as práticas sociais que acontecem entre os seres humanos e desses com o ambiente natural. Foi essa perspectiva que buscamos nas reuniões na escola e no centro comunitário, onde as demandas do bairro eram apresentadas pelos presentes e os pesquisadores vinculados ao IFES, num processo dialógico. Nesse sentido, segundo Cruz, Bigliardi e Minasi temos que:

A pesquisa, vista por um olhar freiriano, é uma forma de diálogo, é o diálogo entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, diálogo com intencionalidades políticas, mediatizado pelo mundo e motivado pelo fenômeno de pesquisa, e a práxis – a prática social, a materialidade do mundo e a objetividade da vida – é o critério de verdade de toda a pesquisa. A práxis dos sujeitos é o critério de verdade do seu agir, porque não é no discurso que se infere o agir do sujeito, não é no discurso que ele se constitui, não está no discurso a chave de sua ontologia, mas sim no fazer humano, na práxis social, no trabalho, nas mediações com os outros homens e com a natureza (Cruz; Bigliardi; Minasi, 2014, p. 48).

Assim, a pesquisa teve que dialogar com a realidade objetiva, com o real e não com o que aparentava (segurança pública como maior problema). Partindo do desejo dos moradores de apresentar seu potencial positivo, mas sem negar os problemas sociais cotidianamente presentes na comunidade, adotamos outros caminhos de prática social.

Desse modo, esses pressupostos teóricos nos ampararam para a realização das observações participantes – fase diagnóstica – e da pesquisa intervenção – fase da pesquisa aplicada para desenvolvimento de tecnologias sociais. A metodologia da pesquisa de intervenção, buscou o diálogo entre os atores da pesquisa – estudantes, pedagoga, professoras e moradores do bairro – para construção de estratégias de ação. Ressaltamos que essa construção conjunta tem sido determinante para a superação do discurso de tutela política e científica tradicional. Sua importância tem se manifestado, uma vez que busca produzir conhecimento e participação e, em sua finalidade primeira, está o envolvimento de todos no processo de pesquisa – alunos, moradores e pesquisadores.

Conhecer a sua própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele. Aprender a escrever a *sua* história de classe. Aprender a reescrever a História através da sua história. Ter no *agente* que pesquisa uma espécie de *gente* que serve. Uma gente aliada, armada dos conhecimentos científicos que foram sempre negados ao povo, àqueles para quem a *pesquisa participante* – onde afinal pesquisadores-e-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho em comum, ainda que com situações e tarefas diferentes – pretende ser um instrumento a mais na conquista popular (Brandão, 2006, p. 11).

A pesquisa intervenção visa, assim, a produção coletiva de conhecimento por acreditar que o sujeito ao conhecer sua própria realidade, participa da produção de novos conhecimentos. Sendo condutor desse processo. Os agentes de comunidades de periferia ganham novos elementos para serem sujeitos de sua própria história e reconhecerem seu papel na configuração do espaço e da sociedade. A emancipação social como um processo é prevista, entre outros, como a capacidade requerida para transposição das dicotomias presentes nos discursos e práticas hegemônicas.

Diferentes experiências de pesquisa intervenção se originam dentro de diversas unidades de ação social que atuam preferencialmente junto a grupos ou comunidades populares. O ponto de origem deve estar situado em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica – esse talvez seja um dos elementos mais complexos de serem apresentados e absorvidos pelos sujeitos da pesquisa. Ela deve ser pensada como um momento dinâmico de um processo de ação social comunitária. O compromisso social, político e ideológico do(a) pesquisador(a) é com a comunidade e com as suas causas sociais. Na maior parte dos casos, a pesquisa intervenção é um momento de trabalho de educação popular realizados junto com e a serviço das comunidades, dos grupos e dos movimentos sociais, em geral, populares. Na pesquisa intervenção, sempre importa conhecer para formar pessoas motivadas a transformarem os cenários sociais de suas próprias vidas e destinos.

#### **4 Resultados da pesquisa: Escola e comunidade em busca da emancipação social**

A inserção do pesquisador, ao aproximar-se das pessoas e do vivido na comunidade é o ponto inicial de uma pesquisa intervenção. O local da pesquisa foi escolhido porque houve uma demanda da própria comunidade escolar da escola municipal Edna de Mattos Siqueira Gáudio. As relações entre pesquisadores e moradores do bairro Jesus de Nazareth foi viabilizada a partir da escola, indicando um traço marcante da abordagem adotada<sup>4</sup>. Essa aproximação é elemento fundamental no processo de investigação qualitativa, e se torna essencial em uma pesquisa intervenção. A responsabilidade do pesquisador, ao propor ações concretas de alteração da realidade social, deve ser equilibrada com a possibilidades reais de realização dessas mesmas ações. Amadurecer as experiências em lidar com as expectativas dos moradores locais talvez seja um dos principais resultados intangíveis dessa metodologia.

Da mesma forma, os moradores das periferias ou mesmo populações tradicionais têm a possibilidade de construir novas relações a partir do conhecimento. Não é raro o discurso resignado dessas populações relatando experiências em que pesquisadores – em busca de dados – e lideranças políticas – em busca de capital social (no sentido bourdieusiano do termo<sup>5</sup>) – fazem suas coletas (de informações ou de apoios) e nunca mais voltam ao local.

A pesquisa intervenção promove a devolutiva dos dados de forma contínua. Esse aspecto é relevante no processo de promoção do amadurecimento das partes em termos de organização social. É elemento que não pode ser desconsiderado em termos de resultados da metodologia, considerado o desenvolvimento de tecnologias sociais.

Propomos mensurar esse resultado a partir de duas dimensões distintas, mas inter-relacionadas: a) participação dos moradores (a maioria pais, mães e responsáveis de alunos e alunas) na dinâmica

<sup>4</sup> Atualmente outras duas pesquisas buscando replicar a metodologia da pesquisa intervenção, partindo da relação entre escola e comunidade, estão em curso liderada pelos pesquisadores autores deste trabalho. A ideia é desenvolver tecnologias sociais que possam ser replicadas em vários contextos.

<sup>5</sup> Ver: Bourdieu, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. 6ª ed. Campinas: Papirus, 2005.



educacional da EMEF Edna de Mattos Siqueira Gaudio; b) participação social da comunidade nas ações executadas no bairro.

Este encontro, entre as duas dimensões acima citadas, escola - comunidade, acontece no momento que EMEF Edna de Mattos inicia sua nova organização em ciclos de aprendizagens e um grupo de moradores da comunidade procuram a escola para pensar ações que levem os estudantes a valorizar suas histórias, sua cultura e a potencialidade turística do bairro. Com isso levar a uma reflexão aprofundada acerca de sua condição enquanto indivíduo contextualizado no mundo.

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história (Freire, 1991, p. 16).

A evolução na participação de pais e responsáveis pelos alunos matriculados na escola e, principalmente, a diminuição das resistências frente aos processos inovadores de ensino-aprendizagem a partir dos ciclos e roteiros de aprendizagem tem sido indicadores do projeto. Se antes a participação dos adultos nas reuniões era pequena, ao longo de 2018 o registro de presenças atingiu média de 80%, segundo relatos da direção escolar. Atribuímos essa participação ao estreitamento de temas e debates envolvendo a dinâmica das disciplinas e a organização didática implementada na escola desde 2016.

A direção escolar tem buscado convidar pais e responsáveis para discutir questões pedagógicas e, também, tem promovido reuniões para discutir os problemas do bairro. Desde o final de 2017 tem se buscado manter reuniões bimestrais, com o apoio do IFES, na escola para debater os problemas e estabelecer uma agenda propositiva de ações no bairro. Com isso busca-se demonstrar, a partir da mobilização dos moradores, seu potencial de ação emancipadora – ausente de discursos tutelados. Lembrando sempre que temos o conceito de emancipação social como norte: aquele capaz de demonstrar os potenciais e a realização de ações coletivas que coloquem a comunidade em evidência positiva, a partir dos próprios esforços comunitários, colocando como protagonistas os moradores locais.

Por último, o reforço do protagonismo comunitário tem sido um dos objetivos centrais perseguidos pelos pesquisadores do IFES, com a aproximação dos moradores frente à Instituição de Ensino, Pesquisa e Extensão, bem como de outros parceiros. Desse modo, alunos participantes das ações e moradores locais são alçados à condição de falantes, expoentes de suas histórias de luta e resistência.



**Fig. 1.** Morador do bairro Jesus de Nazareth apresentando resultados de suas ações junto a alunos da EMEF Edna de Mattos em evento de turismo no teatro do Ifes, em 2018.



**Fig. 1.** Diretora e coordenadora pedagógica da EMEF Edna de Mattos apresentando suas ações para o Fórum de Movimentos Populares nas dependências do Ifes, em 2018.



**Fig. 1.** Ação de limpeza e pintura de escadarias no bairro Jesus de Nazareth, em 2018.



**Fig. 1.** Ação de limpeza e sensibilização ambiental na praia da Castanheira, no bairro Jesus de Nazareth. Na ocasião foram retiradas 4 toneladas de resíduos, em um movimento coletivo promovido por moradores e apoiadores do bairro, em 2019. Para maiores informações ver: <https://bit.ly/2C5LjyM>

Vale ressaltar mais uma vez, que a mesma dinâmica é utilizada pelos estudantes no cotidiano escolar a partir dos “roteiros de aprendizagem”. Os estudantes divididos em grupos propõem “eixos temáticos de estudo” que são decididos, planejados e executados conjuntamente. Em 2019 estão sendo acompanhadas, por pesquisadores do Ifes, duas ações das que são desenvolvidas por professores e estudantes: uma na área das ciências naturais - o “clube de ciências” – nomeado pelos estudantes de NAZA (Clube de Ciências de Jesus de Nazareth) e que escolheram como temas de estudo: vulcões, foguetes, aviões, maquete do bairro e visita ao planetário da cidade de Vitória/ES. A outra ação é da área da história, no momento ainda estão acontecendo os preparativos para decidirem qual será e como será desenvolvido o roteiro de aprendizagem.

#### 4.1 Discussão dos resultados: considerações metodológicas

A análise dos resultados proposta nessa pesquisa, tendo por objetivo o desenvolvimento de tecnologias sociais de emancipação social, levou em consideração a mensuração a partir da participação da comunidade na construção e execução das ações coletivas. Entendemos que a participação é um indicador relevante na construção de métricas qualitativas tomando o objetivo a ser considerado. Destacamos duas dimensões principais dessa participação para nossas reflexões metodológicas: de pais e responsáveis nas ações da escola; de moradores do bairro em relação às ações planejadas e desenvolvidas na comunidade; e de professores e estudantes que planejam e desenvolvem ações na escola e no bairro

Em relação à participação nas ações da escola há de se considerar que alguns pais e responsáveis podem se sentir, de maneira direta ou indireta, pressionados a partir de argumentos legais. O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) do Brasil – Lei 8.069, de 13 de julho de 1990 – possui dispositivos que podem ser utilizados como forma de assediar a participação. Não temos conhecimento do uso de argumentos dessa natureza no processo de convite de pais e responsáveis, contudo não podemos desprezar a possibilidade de utilização de algum membro do corpo pedagógico e administrativo da escola. Essa consideração metodológica se faz necessária em casos de replicação do método de mensuração de resultados.

A participação nas ações planejadas e desenvolvidas pela e na comunidade também carecem de interpretações adicionais. A motivação para participação ainda é um ponto a ser investigado nas próximas fases da pesquisa. Por que alguns moradores agem em prol da comunidade? Será possível



diagnosticar esse elemento para replicá-lo em outras situações? Será que conseguimos reproduzi-lo na própria comunidade entre aqueles que não participam das ações coletivas? Essas perguntas tem sido perseguidas no processo em curso da pesquisa. Contudo, uma questão é pacífica em relação ao que não é: analogamente ao possível *input* legal para a participação das ações na escola por parte de pais e responsáveis de alunos, no caso das estratégias traçadas na comunidade não há qualquer vinculação de interpretação para essa vertente. São outros os argumentos, que sejam de ordem moral, ética e/ou político-pragmática, que podem ser invocados nas definições, mas não a dimensão legal como principal motivação.

A apreensão dos resultados para sua interpretação, assim, obedeceu um quadro em que foram consideradas a quantidade de ações propostas, a quantidade de participantes locais e a quantidade de parceiros externos do bairro que participaram. Foram associadas a esses dados, banco de imagens para uma breve interpretação comportamental, sempre tendo em perspectiva o objetivo do projeto.

Em termos teóricos, a interpretação dos resultados está assentada em princípios da dialética, levando em consideração a relação entre as dimensões materiais e simbólica – como e por que nos apropriamos simbolicamente e construímos/reconstruímos semanticamente o contexto. Começar pela consciência de que "tudo se relaciona", objeto e fenômeno condicionam-se mutuamente formando uma totalidade.

A compreensão da totalidade significa não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situação por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo na interação entre as partes (Kosik, 1969, apud Gadotti, 1995, p. 25).

Buscaremos não nos afastar da consciência de que a realidade está em contínuo movimento, em constante processo, e de que este movimento se dá a partir do encontro entre contrários, entre as contradições (princípio fundamental da dialética) já que dentro de uma realidade estruturada os elementos contraditórios coexistem. É justamente deste encontro destas contradições que nasce o novo, a transformação, a mudança da quantidade à qualidade. Da sensação de impotência à capacidade de se emancipar frente aos discursos tutelares.

Desta forma fazemos a leitura do mundo a partir do povo (proletariado) já que a visão de mundo continuamente "passada" pela cultura de massa é uma leitura a partir das classes dominantes. Não a partir do discurso tutelado, mas a partir da experiência nas periferias urbanas. Os problemas e as possíveis soluções são apresentados por aqueles que vivenciam a realidade concreta.

A construção do objeto junto com os sujeitos da pesquisa parte da realidade experienciada dos mesmos: primeiro descrevemos rodas de conversa na escola e na associação de moradores. Depois fazemos visitas regulares ao bairro para visualizar, com o auxílio da teoria que nos baliza, a realidade local. Num terceiro momento, os pesquisadores apresentam dados secundários coletados para o debate com a comunidade. E a partir do quarto momento são definidas estratégias comunitárias de enfrentamento das questões e a partir daí o ciclo é retroalimentado a partir da avaliação constante e planejamento de novas ações.

Se aproximar da realidade concreta é um dos pontos defendidos por Freire para que o educando se torne sujeito do seu processo pedagógico e por conseguinte construtor de conhecimento. Em princípio, temos que, se o sujeito adquire ou tem conhecimento histórico e sociopolítico de sua condição, isso proporcionará a consciência da sua identidade social, levando-o a ação. Seria a interação entre o conhecimento e a ação – conhecimento para a ação.

## 5 Considerações conclusivas

A pesquisa de intervenção do tipo participante mesmo que estranha aos padrões acadêmicos tradicionais, tem sido cada vez mais utilizada, sobretudo quando se tem o horizonte da pesquisa aplicada em ciências humanas - especialmente para o objetivo em tela: desenvolvimento de tecnologias sociais para a emancipação social. Este tipo de pesquisa requer rigor investigativo, como qualquer outra metodologia. Relevante nesse sentido é buscar alternativas para mensurar resultados, lançando mão de técnicas diversas ou mesmo combinações com métodos quantitativos de mensuração. Outro entrave para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa é o tempo requerido para o entrelaçamento de expectativas, entre sujeitos – pesquisados e pesquisadores, numa combinação complexa e constante.

As ações desenvolvidas, além de alçar os moradores locais à condição de protagonistas de suas histórias, destacam questões relacionadas a cultura e a beleza cênica do bairro. Assim esses sujeitos demonstram satisfação por viver onde vivem e convidam outras pessoas do bairro, como os de fora, a conhecer melhor o lugar onde vivem. É destacada a capacidade de realização de ações coletivas – mobilização para o protagonismo local. A pesquisa de intervenção do tipo participante torna-se formativa, provoca uma educação – no sentido *lato* da palavra – problematizadora e não a bancária em todos os envolvidos. Aqui as intervenções têm uma perspectiva de educação popular, em espaços não formais no sentido de desenvolver tecnologias sociais de mobilização e realização de ações coletivas. Existem no bairro Jesus de Nazareth e na escola Edna de Mattos vivências positivas, que puderam ser apreendidas durante o processo de investigação. Algumas destas não são percebidas pelos agentes sociais locais, que embebidos da realidade na qual estão inseridos captam os elementos contextuais como sendo comum a todas as comunidades – o que não é. As vivências, assim, quando reconhecidas e incluídas nas atividades de moradores e alunos da escola, podem a médio e longo prazo contribuir para a transformação, ressignificação e apropriação da cultura local. A pesquisa qualitativa de intervenção como uma forma de transformação da realidade e como meio de formar pesquisadores é um vetor de promoção de reflexões e educação a partir de uma forma peculiar de se fazer investigação: pesquisa emancipadora.

## Referências

- Bourdieu, Pierre (1994). Razões práticas: sobre a teoria da ação. 6ª ed. Papirus: Campinas, 2005.
- Brandão, C. R. (2015). A pesquisa participante e a participação da pesquisa. Disponível em: <http://docslide.com.br/download/link/a-pesquisa-participante-e-a-participacao-da-pesquisa> Acesso em 12 fev de 2017.
- Brandão, C. R. (1988). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- Cruz, R. G.; Bigliardi, R. V.; Minasi, L. F. (2004). A dialética materialista de Paulo Freire como método de pesquisa em educação. In: Conjectura, Caxias do Sul, v. 19, nº 2, p. 40-54, maio/ago. 2014. Acesso em 20 ago 2017.
- Fals Borda, O. (1988). Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In Brandão, C. R. Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 2006, pp. 42-62.
- Freire, P. (1988). Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: Brandão, C. R. Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 2006, pp. 34-41.
- Freire (1987). Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- Gadotti, M. (1995). Concepção dialética da educação: um estudo introdutório. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- Santos, Leonardo Bis dos; Sgarbi, Antonio Donizetti. Escola e comunidade: pesquisa e extensão em busca da cidadania emancipatória. In: Revista Brasileira de Extensão Universitária, vol. 9 n. 3 set./dez. 2018, p. 135-146.
- Streck, D. R.; Sobottka, E.A.; Eggert, E.(Org.) (2014). Conhecer e transformar: Pesquisa-ação e pesquisa participante em diálogo internacional. Curitiba: CRV, 2014.